

PREÂMBULO

PONDERAÇÕES VIVENCIAIS

Somos ainda – e simultaneamente – expoentes, vítimas do egoísmo, da intollerância, da pequenez vivencial. Não agimos, não nos posicionamos ante os maus administradores, os senhores do mundo. Melhor recolhermo-nos ao nosso caracol, à nossa concha. Como eles, somos permissivos, narcisistas, principalmente se dotados de alguma forma de poder. Ínfimos grãos de areia, julgamo-nos grandes, presos à nossa imagem, a uma pretensa superioridade. Esposamos igualmente o autoritarismo, a mania de sermos donos da verdade, de oprimirmos a individualidade alheia.

Mais fácil mergulharmos, anestesiarmos-nos com o facebook, o whatsapp, o glamour dos shoppings e suas lojas e departamentos de moda fashion, voos e viagens prazerosos, as paixões esportivas, retoques e mais retoques para o corpo, até que venha o inesperado, muitas vezes o indesejado...

Somos, na verdade, reféns de nossas culpas, de nossas divisões internas, nossas fragilidades, ansiedades, incapacidade de abandonar o desejo. Crescemos, contudo. Edificamos templos, prédios, mesmo que terremotos e inundações os ponham abaixo; legislações que se aprimoram na defesa dos fracos, no fortalecimento dos direitos sociais. Ansiamos por nos melhorar e esperamos pelas forças da vida, por salvadores.

Eivados somos de sentimentos os mais desafiadores, senão contraditórios: ganância, medo, solidão, rejeição, orgulho, culpa, desesperança, ciúme, indecisão, raiva – emoções que devemos e necessitamos domar, reciclar, transmutar e utilizar em nosso bem estar físico-mental, em nosso crescimento espiritual e coletivo

Olavo Romano: contador de causos mineiros

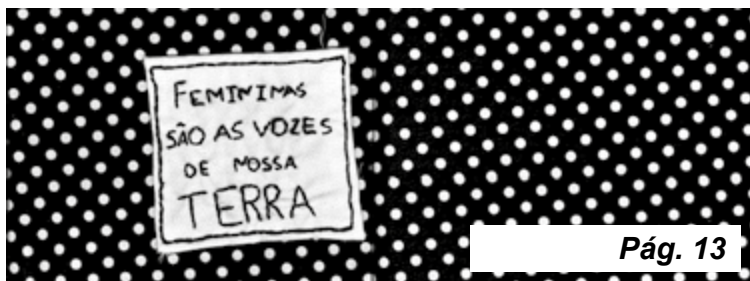
O jornalista Manoel Marcos Guimarães é convidado especial desta edição e assina artigo sobre Olavo Romano, escritor nascido em Morro do Ferro. Membro da Academia Mineira de Letras, é dele outro presente desta edição: a crônica 'O caminho de São Tiago'.

Pág. 06

O cheque falso

O ano é 1914 e um são-tiaguense, inocente, vai parar atrás das grades. O motivo? Um cheque de 950 mil francos. Antes dele, porém, houve uma carta que acabou culminando em uma viagem à Espanha. A saga que ganhou páginas de jornais na época é contada em matéria completa do nosso boletim a partir da página 10.

Pág. 10



Pág. 13

São Pedro Padroeiro



Desde julho de 1930, Nossa Senhora Aparecida é declarada Padroeira do Brasil numa devoção que atrai mais de 10 milhões de fiéis a seu santuário todos os anos. Em 1826, porém, outro santo havia sido declarado padroeiro oficial no país: São Pedro de Alcântara. Conheça toda essa história na página 16.

Pág. 16

ADIVINHAS

1) De cera faz a casinha,
Onde ela vive há doçura.
Das flores é amiguinha
Esta loira criatura.

2) Do trabalho somos símbolo
Apontado, com razão
Mas ninguém gosta de nós,
Até veneno nos dão.

3) Se souberes Geografia,
Serás capaz de saber
Qual vem a ser o país
Que serve para comer?

R.: 1-abelha; 2-formiga; 3-peru

Provérbios e Adágios

- Do couro se tira a correia
- Praga de padre dura cem anos
- Por causa do santo, beija-se a pedra



Para refletir

• Os deuses amam o oculto e desdenham o óbvio. *(repanishads)*

Se o homem perder a reverência por qualquer manifestação de vida, em breve perderá o respeito pela própria vida. *(Albert Schweitzer)*

Deve existir algo oculto por trás dos eventos que observamos. *(Albert Einstein)*

Nenhum direito por mais básico que seja, subsistirá sem que exista uma essência da espiritualidade instilando sua manifestação. *(Saint Germain)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA O INTOCÁVEL

Era daqueles tipos que dava nó em fumaça ou laçada em goteira. Vivaldino, rompanete de nobre, buscava levar uma vida de regalias, no ludibrio, na enrolação, na astúcia, na argúcia, na boa (ou má) conversa.

Motorista profissional, de família humilde, o corpanzil troncado, desde jovem vivera de farol, de marotagem, de pequenos e rendosos artifícios que lhe permitiam boa roupa, boa mesa, boa cama e assim, já adulto e casado, acostumara esposa e filhos no mesmo ritmo. Comprava no comércio local, pagava alguma coisa ("o dar por conta"), dependurava o resto *ad aeternum*, ou seja, jamais quitado integralmente.

Esgotado o crédito numa mercearia ou loja, passava a outra e a outra e assim transcorriam os anos. Mas ficar sem uma roupa de grife, uma mesa farta e regalada, isso não! Ainda que a custa de truques, malabarismos, artimanhas. Dele o povo dizia: - Deve ter sido, em outras eras, algum marajá ou antigo barão!

Por aqueles tempos, tornara-se cliente, freguês assíduo de um armazém pelos lados da Pavuna, onde supria-se de cereais, enlatados, cervejas, vinhos importados, exigindo tudo do bom e do melhor. Os pedidos e rol de compras, manuseados pelos filhos guris e esposa, chegavam em longa folha de papel em espiral e os produtos, após selecionados nas prateleiras e gôndolas, eram conduzidos para casa em um carrinho de mão, desses da construção civil. Isso quando não exigia a entrega em domicílio!

Ai de quem o cobrasse ou lhe recusasse crédito! O mundo vinha abaixo - um desses terremotos e tsunamis que, periodicamente, destroem cidades inteiras. Eram impropérios, descomposturas, intimidações, ainda que sob um manto de aparente civilidade, numa linguagem arrevesada, pois o cidadão primava por manter uma imagem pública de idôneo, de membro conceituado da sociedade.

Devendo-lhe há meses, conta rechonchuda, o dono da mercearia teme cobrar o inacessível cliente, diretamente. Instrui um dos habituais frequentadores do armazém, Zéfredinho, a fazê-lo, prometendo-lhe uma pinga. O recado, ou melhor, a cobrança é realizada na casa do homem enrolador e inacessível.

Daí a horas, um alvoroço toma conta de toda a área. Eis o homem, rua afora, roupas coloridas estilo reggae, pança à mostra, "batendo asas", em direção à mercearia. O dono vem aguardá-lo à porta, na expectativa de que a cobrança surtira efeito. O cidadão, todo espalhafatoso, agressivo, em meio a outros fregueses e vizinhos atraídos por todas aquelas fanfarronices, esclarece ao proprietário - e credor - incrédulo:

- Como você ousa cobrar um homem de bem, cidadão modelar, honesto como eu?! E na minha casa?! Motivo de uma ação pesada de danos morais e de que todos aqui são testemunhas.

Enquanto se retirava aos brados, esclarecia ao merceeiro: - A solução prá isso, é uma só: é pegar no canzil...

(Canzil - Do latim canicile, canica (canga); cada um dos 2 paus presos à canga em que enfia o pescoço do boi ou do cavalo na atafona)

Expressão "Pegar no canzil" - manter o animal preso na canga; deixar o problema como está)



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



QUEIMADAS

Graves consequências ambientais, econômicas e políticas



A explosão de queimadas e incêndios em todo o Brasil – em especial na Amazônia – levantou ácida discussão sobre o assunto, com repercussão nacional e internacional. Queimadas são seculares e retrógrados processos de limpeza de áreas para utilização agropastoril e, via de regra, uma prática criminosa, clandestina, sem a devida autorização ou embasamento técnico-legal.

A queimada, que é o primeiro passo para o desmatamento, destrói a flora e a fauna, esteriliza a matéria orgânica e camadas ricas do solo, levando à morte ou mesmo à extinção de espécies vegetais e animais; polui o meio ambiente, gera desequilíbrio ecológico, podendo se tornar um incêndio descontrolado, principalmente em épocas de seca. É Crime, pois, desmatar, degradar e preda florestas, explorá-las econômica quando nativas, sem autorização dos órgãos ambientais competentes.

Cabe ao Poder Público, nos termos da Constituição Federal “proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco, suas funções ecológicas; provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade” (CF art. 225, & 1º-VII) “Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Atualmente, o problema das queimadas se acentuou por diversas razões:

1. Cortes de 24% nos recursos do IBAMA no orçamento 2019 (Decreto 9741) reduzindo a capacidade de atuação do órgão. O IBAMA tem, para este ano, R\$ 279,4 milhões disponíveis, ao invés dos R\$ 368,3 milhões que constavam na Lei Orçamentária-LOA. Por outro lado, mais R\$ 187 milhões foram cortados do Ministério do Meio Ambiente-MMA, sendo que 95% desses recursos eram destinados a programas estratégicos como prevenção e controle de incêndios florestais (cerca de R\$ 17,5 milhões – 38% do orçamento) e para o controle e fiscalização ambiental (R\$ 24 milhões equivalentes a 24% do orçamento do programa)

2. O Fundo da Amazônia, composto por doações de países como a Alemanha e a Noruega – essencial para financiar as ações do Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (PrevFogo) – acha-se sob risco de ser cancelado. O ICMBIO, responsável, a nível federal, pelas unidades e operações de conservação também foi afetado em seu Programa de Fiscalização e Combate a Incêndios Florestais com o corte de R\$ 5,5 milhões (20% do orçamento do programa) Com a redução de recursos dessa autarquia, as operações de monitoramento deverão ser reduzidas, incluindo diminuição de treinamentos/capacitação de funcionários e consequente redução de vistorias e idas ao campo.

3. A má gestão administrativa e a burocracia afetam também a política de proteção ambiental. O Ministério do Meio Ambiente-MMA, até hoje, não divulgou o Plano de Recursos Orçamentários, cerca de R\$ 415 milhões, aprovados pelo Congresso Nacional para investimentos em projetos voltados para adaptações aos efeitos das alterações climáticas. Em consequência, cerca de 86% desses recursos acham-se paralisados (R\$ 357 milhões)

Para complicar, o site do IBAMA informa com bastante antecedência as áreas que serão objeto de fiscalização...Na página do IBAMA, encontramos a informação de que a ele cabe “proteger e monitorar espécies da flora nativa brasileira, de forma a dissuadir infrações ambientais, especialmente o desmatamento, a destruição e exploração ilegal de florestas e demais formas de vegetação nativa”.

Enquanto isso, segundo a imprensa, bandos de criminosos ambientais, formados por sindicalistas reacionários, grileiros de terras, mineradores clandestinos e congêneres, seja por motivação ideológica ou econômica, estimulam atos orquestrados como o “Dia do Fogo” realizado no Pará no dia 10 de agosto deste ano, incendiando, de forma programada, vastas áreas às margens da BR-163. O curioso é que, na mesma época, vários incêndios criminosos foram detectados em toda a Amazônia Legal, assustando o mundo. Ações que provocam imensos danos ambientais, econômicos, políticos e prejudicam assustadoramente a imagem do País no exterior!

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL BÁSICA

- Constituição Federal – art. 23, 225...
- Lei 9605/1998 – estabelece os critérios ambientais, dentre eles o provocar incêndios em matas ou florestas (art. 41)
- Lei 6938/1981 – Institui a Política Nacional de Meio Ambiente que estabelece, entre seus princípios, “a ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico e o planejamento e a fiscalização do uso dos recursos ambientais” (art.2º)

Esta Lei cria também o Sistema Nacional de Meio Ambiente-SISNAMA, tendo como órgãos executores o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Renováveis-IBAMA e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade-ICMBIO com a finalidade de “executar a política e as diretrizes governamentais fixadas para o meio ambiente”

A competência quanto à fiscalização ambiental realizada pelo IBAMA é compartilhada pelos demais entes da Federação: Estados, Municípios e Distrito Federal na condição de integrantes do SISNAMA (art. 23 da CF E LC 140/2011) que a regulamentou. Compete, dessa forma, igual e extensivamente, aos governos estaduais a fiscalização e repressão ao desmatamento ilegal e incêndios criminosos!

POR OPORTUNO

Enquanto isso em São Tiago estamos dando a nossa “INVEJÁVEL” contribuição predatória, a começar das autoridades: árvores de nossas ruas – que já são tão poucas – sendo inexplicavelmente derrubadas: casas históricas praticamente todas demolidas, para darem lugar à ganância imobiliária; praças e áreas viárias, inclusive as antigas fontes, tornando-se propriedade particular ou então abandonadas (para daí a pouco serem incorporadas por vizinhos); ruas em certos bairros com 7 metros...

E ainda queremos ser cidade turística!...Oferecer o quê em termos de monumentos históricos, paisagísticos, recreativos???



Campo das Vertentes: sua origem e sua característica

Antonio de Paiva MOURA

Pior que Campo das Vertentes? Certamente, não é só pelo fato de lá nascer e correr fluentemente muitos e muitos rios. Acontece que esses rios contribuem enormemente para a formação de três grandes bacias. Duas de âmbito nacional: O Paraíba do Sul e o São Francisco. A de âmbito internacional é o caudaloso Paraná. Os afluentes do Paraíba do Sul são o Rio Pomba que nasce nas proximidades de Barbacena e o Rio Paraíba que nasce na Serra do Ibitipoca. Na Serra do Ouro Branco, contravertente do Piranga, nasce o afluente do Rio Grande, importante tributário do Paraná, o famoso Rio das Mortes e o Rio Elvas. No sentido Sul-Norte nascem os rios que vertem para o São Francisco. Entre Conselheiro Lafaiete e Carandai, na Serra da Noruega nasce o Paraopeba. Em Pedra do Indaí, Serra do Tamanduá nasce o Rio Lambari. O Rio Pará nasce em Desterro.

A região começa a ser habitada mesmo antes da descoberta do ouro. Em 1701, o taubateano Tomé Portes Del Rei, proprietário de uma fazenda às margens do Rio das Mortes, ponto estratégico de acesso às minas de Caeté, Sabará e ouro preto, criou e obteve o direito de passagem pelo rio, com o nome de Porto Real da Passagem. Toma o nome de Ponta do Morro. Com o aparecimento do ouro logo em seguida (1702), o local passou a ser procurado por enorme quantidade de forasteiros. Em dois anos tomava o nome de Arraial Novo. Recém-empossado no governo da capitania de São Paulo e Minas, de passagem pelo Rio das Mortes, Dom Braz Baltazar da Silveira resolveu elevar o Arraial Novo à categoria de Vila, a quarta de Minas, por ato de 8 de dezembro de 1713, com o nome de São João Del Rei. Homenageia nesse nome o rei D. João V e o pioneiro da região. Quatro meses depois a vila era elevada à condição de cabeça de comarca do Rio das Mortes.

Do início das explorações das jazidas de ouro até o século XIX a região cresceu desordenadamente formando núcleos populacionais próximos. O Arraial Velho depois de emancipado passa a chamar-se São José do Rio das Mortes, em 1860 toma o nome de São José del Rei e hoje Tiradentes, parece ter antecipado ao Porto Real da Passagem na exploração de ouro. Aumentando com rapidez a sua população e a sua produção diversificada Tiradentes desmembrou-se de São João Del Rei em 1718, ultrapassando a sua rival. Durante 71 anos a Comarca do Rio das Mortes só teve dois municípios: São João Del Rei e Tiradentes. De São João Del Rei se emancipa Campanha em 1789 e de Tiradentes se emancipa Itapeverica em 1789, Barbacena em 1791 e Conselheiro Lafaiete em 1790. A comarca era enorme. A partir de Simão Pereira fazia divisa com o Rio de Janeiro e São Paulo, seguia no Sudoeste Mineiro pela Serra da Canastra, divisa com Goiás (hoje Triângulo Mineiro) até Dolores do Indaí na divisa com a Comarca do Rio das Velhas. Daí seguia em direção Leste até Mateus Leme. Desse ponto, em direção Norte margem esquerda do Rio Paraopeba e depois a margem direita do Rio Pomba fazendo divisa com a Comarca de Ouro Preto. De Cataguases a Simão Pereira, pela divisa do Rio de Janeiro fechava o território da Comarca do Rio das Mortes.

O município de Tiradentes passou a compor grande parte da região metalúrgica, Campo das Vertentes e Alto São Francisco. Municípios como Conselheiro Lafaiete, Barbacena, Itapeverica, Mateus Leme, Betim, Congonhas, Bonfim, Oliveira, Prados e Resende Costa pertenceram a Tiradentes. O município de São João Del Rei atingiu as regiões do Sul de Minas, e Zona da Mata Mineira, tendo pertencido a ele as seguintes localidades: Campanha, Conceição da Barra, Carrancas, Santo Antonio do Rio das Mortes, São Miguel do Cajuru, Ritópolis, Madre de Deus de Minas, Rio Grande, Bom Sucesso, Itutinga, Dolores de Campo, São Sebastião da Vitória, Ibertioga, São Tomé das Letras, Campo Belo, Lavras, Três Pontas, Boa Esperança, Juiz de Fora, Rio Preto, Simão Pereira. (COSTA, J.R. 1970; 381)

A notoriedade da região no período colonial não é somente em função da produção aurífera e sua densa população, mas em face da

variedade de sua produção; capacidade artesanal de sua população. O inglês John Mawe, que visitou Minas em 1809 e que se encantou com a Fazenda da Mantiqueira, nas proximidades de Barbacena, diz que tudo ali propiciava uma boa experiência agrícola: vasta planície, solo fértil banhado por numerosos cursos d'água podiam dar 200 grãos por 1. O gado ali é baratíssimo. Na Borda do Campo podia-se contemplar um são e viçoso linho, dando corte de três a quatro vezes no ano



que era preparado, fiado e tecido em casa. "Na vizinhança de São João Del Rei (...) há uma singular espécie de pinheiros, de cuja casca transuda muita goma resinosa. (tinta para tecido) A madeira é de um belo vermelho escuro, cheia de nós e excessivamente dura. (...) Cultiva-se um pouco de algodão, que se fia a mão e com o qual se fabrica panos grosseiros para os negros; algumas vezes fazem dele panos mais finos para mesa. As senhoras de São João Del Rei gostam muito de fazer renda e são consideradas mais cuidadosas com cousas do lar do que as das outras cidades" (MAWE, J. 1922; 133) Por causa de seus vales férteis e de clima ameno as colinas do Campo das Vertentes transformaram-se, ainda no século XVIII, no celeiro de cereais de Minas. Saint-Hilaire descreve com entusiasmo as mais raras espécies de árvores frutíferas, como pêssego, marmelo, maçã e uva que eram cultivadas na região, além de trigo e centeio. Na memória histórica da capitania de Minas Gerais, atribuída ao engenheiro José Joaquim da Rocha o narrador diz que no ano de 1778 São João Del Rei, cabeça da comarca, situada em terreno plano e agradável era abundante em caça e gado. Na mesma época relata o desembargador João Teixeira que "a comarca do Rio das Mortes é a mais vistosa e a mais abundante de toda a capitania em produção de gado, hortaliça e frutos ordinários do País, de forma que além da própria sustentação, provê a toda a capitania de queijo, gados, carne de porco". (ROCHA, J. J. 1897; 468) Observa Carratoque ad cedos dos dois municípios da região, São João e São José Del Rei, ficavam mais perto do Rio de Janeiro, centralizando as atividades do Sul da Capitania; tendo acesso muito próximo ao Caminho Real pôde usufruir das três maiores praças comerciais da Colônia. "A comarca, que nunca dependera demasiadamente da mineração, supera com certa galhardia a crise econômica que se abateu sobre a Capitania, principalmente depois de 1780". (CARRATO, J. F. 1968; 263) A medida que se agravavam os sintomas da crise do ouro, foram-se igualmente intensificando as atividades rurais para exportação, especialmente nas vertentes do Rio Grande, ou seja, banda são-joanense da Comarca do Rio das Mortes. A banda de Tiradentes, as vertentes do São Francisco, voltava-se mais para o abastecimento da própria Capitania. O Rio de Janeiro, principalmente após a vinda da Família Real, passou a importar mais da região. Assinala Carrato que a balança de mercado era favorável à Comarca do Rio das Mortes, de onde saíam toucinhos, queijos, algodão em rama, tecidos, chapéus de feltro, bois, bestas, galinhas, barras de ouro, açúcar, couros e fumo.

O poderoso senhor Inácio Correa de Pamplona, um dos delatores da Inconfidência Mineira foi o colonizador do lado franciscano do Campo das Vertentes. De sua luxuosa fazenda em lagoa Dourada passa com mestre de campo, no mesmo estilo de seu conterrâneo Raposo Tavares, a atuar nas cabeceiras do São Francisco e no Triângulo Mineiro,

na Picada de Goiás. Dornas Filho diz que Pamplona, em 1806 requereu o prêmio de delação que deveria ser: "o hábito de Cristo para si e para seu filho, o padre Inácio; a administração e usufruto dos dízimos da freguesia e Termo de Tamanduá (Itapeçerica) para seus filhos; a administração do subsídio literário das vilas de São José e São João Del Rei; a administração e usufruto da passagem do São Francisco" (DORNAS FILHO, J. s/d) Barbosa completa dizendo que Pamplona alegava que suas reivindicações tinham mérito no fato de ter-se empregado no decurso de quarenta anos em franquear e povoar o dito continente, tendo feito seis estradas nele; desfez quilombos, desbaratou o gentio e animou os povos a estabelecerem-se naquele dito continente. (BARBOSA, W. A. 171; 121) Em Oliveira registra-se também a participação e interferência do inconfidente Padre Toledo e de Pamplona, que antes da delação eram amigos. No povoado de Nossa Senhora de Oliveira encontrava-se o padre Miguel Ribeiro da Silva, benquista do povo e construía a capela local. Em 1780, padre Toledo, então vigário de São José do Rio das Mortes (Tiradentes) nomeou um protegido de Pamplona para a função de capelão, o padre Monoel Pacheco Lopes e para o descontentamento do povo, a obra da capela foi interrompida. Trocou-se um sacerdote de virtudes por um padre devasso que humilhou o povo e encobriu seus crimes. (BARBOSA, W. A. 1971; 120) Não menos complicada foi a história paroquial de Tamanduá (Itapeçerica) Embora distante da matriz de São José do Rio das Mortes, o padre Toledo queria continuar assistindo aquela freguesia e entrou em luta contra o bispo de Mariana. Associado a Pamplona o padre Toledo provocou a destituição do padre Gaspar Alves Godim, nomeado pelo bispo de Mariana. (BARBOSA, W. A. 1971; 125)

Observa Carrato que depois da Inconfidência Mineira ocorreu uma verdadeira diáspora em Minas em que os povos das regiões auríferas se espalharam em migrações internas para os extremos da Capitania A região Sul era tomada quase inteiramente pela Comarca dos Rio das Mortes. (CARRATO, J. F. 1968; 218) No século XIX, especialmente após a Independência, verifica-se uma substancial mudança na região. O crescimento econômico gerou expansão para outras regiões da Província. Contribuiu também com a mudança da fisionomia da região os constantes desmembramentos com criação de novos distritos, municípios e comarcas.

O que caracteriza a economia desenvolvida na região é a policultura, a diversificação da produção adotada na época colonial e mantida no período monárquico. No Campo das Vertentes a plantação de café nunca foi monocultura. O fazendeiro tocava lavoura de café, mas mantinha seu engenho de açúcar, aguardente, moinhos, laticínios, criação de suínos, aves, pomares, artesanato utilitário e indústria caseira. O Sul de Minas, a Zona da Mata e a região central de Minas herdaram essa solução e essa vocação compo-vertentista. Francisco Sales que nasceu na região em 1863, foi, na Primeira República, um dos mentores da política do café com leite, que do lado paulista tinha a intenção de privilegiar a monocultura do café e do lado mineiro tendia para a diversificação. Francisco Sales instalou uma propriedade no município de Matozinhos, próximo a Belo Horizonte, onde mantinha uma fazenda mista no estilo da Normandia. Justifica com consciência os benefícios: "A primeira vantagem da fazenda mista está no estrume gratuito para adubar as plantações. Vem em seguida a possibilidade de rotação de pastos e a produção in loco do alimento do gado que faz baixar o custo do leite, da manteiga, do toucinho, dos capados e novilhos de corte; avoluma o lucro na venda dos animais e dos produtos da pecuária. A diversidade das produções assegura, sem dúvida, o equilíbrio econômico da empresa: quando uns produtos estão em baixa de cotação, outros estão em alta". (CARVALHO, D. 1963; 71) Tendo São João Del Rei como centro a região torna-se o carro-chefe da economia mineira atraindo indústria têxtil, extração mineral com alta tecnologia, com a chegada da

St. John Del Rei Mining Company, em 1830. Em 1860 foi criado o Banco Almeida Magalhães. Em 1878, com subscrição própria de 4 mil contos de reis levantados por empresários da região, começam as obras da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas. Com 100 quilômetros de extensão essa ferrovia ligou o sítio onde é hoje a cidade de Antonio Carlos a São João Del Rei, inaugurada em 1881, por Dom Pedro II. Mas tarde, já século XX, essa ferrovia se estende pelas vertentes do São Francisco até o Estado de Goiás, seguindo a velha trilha aberta por Anhanguera, há dois séculos.

Com relação à história política a região foi palco, cenário e elenco de memoráveis lutas de caráter nacional, desde os primórdios do ciclo da mineração. O desfecho final da Guerra dos Emboabas no triste e célebre "Capão da Traição", à beira do Rio das Mortes, em São José Del Rei (Tiradentes). Com o desmembramento da capitania de São Paulo e

Minas e definição da fronteira entre elas, em 1720, quinze anos depois o governador de São Paulo, Luiz de Mascarenhas tentou estender sua jurisdição até o município de Campanha no Sul de Minas. Graças à atuação firme da Comarca do Rio das Mortes, o intento paulista não se realizou. No ocaso da mineração aluvial, São João e São José Del Rei participaram de forma efetiva da trama revolucionária da Inconfidência Mineira, nas ações de Joaquim José da Silva Xavier, Inácio Alvarenga Peixoto, Bárbara Heliodora, Padre Carlos Correia de Toledo, Resende Costa (pai e filho), Padre José Custódio Dias. Em 1808, um grupo de cidadãos da Comarca do Rio das Mortes assinou manifesto de apoio à elevação do Brasil à sede da monarquia portuguesa com D. João VI. Em 1822 os campo-vertentes foram os primeiros de Minas a publicarem um documento de adesão à Independência, citando Montesquieu em defesa da liberdade dos cidadãos. Em 1833 São João Del Rei foi sede do governo mineiro dando posse ao vice-presidente da província, Bernardo Pereira de Vasconcelos, até que fosse debelada a sedição militar que, em Ouro Preto, depusera o presidente Manuel Inácio de Melo e Souza.

Em 1842 os liberais ganharam as eleições sendo as bancadas de Minas e de São Paulo as mais expressivas. D. Pedro foi elevado à condição de maioria para começar a governar. Imediatamente, premido pelas forças conservadoras dá o golpe e dissolve a Câmara dos Deputados e as Assembléias Provinciais. As forças liberais de São Paulo e Minas pegam em armas para exigir de D. Pedro II a volta à normalidade e à legalidade. Os mineiros reuniram-se primeiramente em Barbacena e foram-se organizando com a nomeação do presidente interino da Província. Em seguida transferiam o centro do movimento para São João Del Rei. As demais câmaras da região como Itapeçerica, Oliveira, Tiradentes, Barbacena e Conselheiro Lafaiete aderiram-se imediatamente. O episódio mais cruento da revolta foi em Conselheiro Lafaiete. Os soldados da Guarda Nacional de Queluz e os recrutas civis, em 26 de julho de 1842 venceram as tropas legalistas, entrencheadas no adro da matriz de Nossa Senhora da Conceição. Quando partiram para Santa Luzia para enfrentar o exército de Caxias, todas as demais regiões de Minas estavam coesas com as câmaras do Campo das Vertentes. Padre Marinho narra com minúcia a forma como esses contatos e adesões foram conseguidos numa província tão ampla e de difícil acesso como Minas Gerais. (MARINHO, J. A. 1977; 143)

No Movimento Republicano Mineiro destaca-se principalmente a participação dos políticos de Barbacena a exemplo de Antonio Carlos Ribeiro de Andrade que desde 1886 aderiu ao Partido Republicano. Salienta-se também a atuação do jornal "O Mineiro", que circulava por toda a região trombetando palavras de ordem do Movimento Republicano e promovendo eleição de deputados republicanos. Na vida política republicana a região tem uma história notável com participação de figuras proeminentes como Francisco Sales, as famílias Resende, Andradas, Bias Fortes e Neves.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Waldemar de Almeida. A decadência das minas e a fuga da mineração. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

CARRATO, José Ferreira. Igreja Iluminismo e escolas mineiras colônias. São Paulo: Nacional, 1968.

CARVALHO, Daniel de. Francisco Sales: um político de outros tempos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

COSTA, Joaquim Ribeiro. Toponímia de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.

DORNAS FILHO, João. O povoamento do Alto São Francisco. .

MARINHO, José Antônio. História do movimento político de 1842. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: USP, 1977.

MAWE, John. Viagem ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1922.

ROCHA, José Joaquim da. Memória histórica da capitania de Minas Gerais. Revista do Arquivo Público Mineiro. Ouro Preto, ano II, 1897.

Olavo Romano, o contador de ‘causos’

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de MagisCultura

Era uma vez... Talvez devesse começar assim a apresentação do perfil de um contador de histórias. Mas o chavão não se aplica a um contador de ‘causos’ mineiros, muito diversos dos contos de fadas ou das histórias da carochinha, que ainda povoam o universo infanto-juvenil, agora não mais sob a forma de narrativas orais, mas embalados em sofisticados *softwares* ou em desenhos animados disponíveis na teia mundial da internet.

A história de Olavo Celso Romano não começa, portanto, com o ‘era uma vez’. Começa em Morro do Ferro, “o único e último distrito de Oliveira”, que fica “no coração mineiro, longe das fronteiras, senhora de si mesma”, na descrição do conterrâneo Ariosto da Silveira. Foi lá que ele nasceu em 1938, filho de Demosthenes, um filho de padre e “quixotesco fabricante de sonhos”, e de dona Waldete, 15 anos mais nova que o marido, com quem construiu uma “*família nova*”, sem um tronco familiar tradicional.

Do ‘amorável’ Morro do Ferro, o menino mudou-se com a família para os Romeiros, “*lá pros lados de São Tiago*”, e a viagem, um “*estirão de oito léguas, coisa pra homem*” seria o primeiro deslumbre a antecipar o futuro contador de histórias. O impacto inicial veio a ser despertado muito tempo depois, pelo “*susto do mundo em transformação*” trazido pela televisão.

Já na beira dos 40 anos, Olavo Romano resolve, então, dedicar-se ao texto narrativo dos ‘causos’ recolhidos em andanças e pesquisas, nem sempre acadêmicas, mas junto a personagens como a “Tia Onofra”, “Seu Quinho” ou “Dona Dalila”, donos da insuperável sabedoria popular, falando de forma simples coisas que estudiosos geniais dizem e escrevem sofisticadamente.

Diz Olavo ter sido então “*tomado de incontrolável urgência*” e resolveu começar contando casos, “*como quem toma a sopa pelas beiradas, recuperando cenas e personagens, vozes, jeitos e trejeitos gravados na memória e no coração*”. Os primeiros textos saem esparsamente, sob a forma de crônicas nos jornais *Estado de Minas* e *Diário de Minas*, ambos de Belo Horizonte. O primeiro livro impresso, em 1982, aliás, foi resultado da reunião em um volume dessas crônicas, sob o título *Casos de Minas*.

Embora sua linguagem e suas histórias sejam peculiarmente mineiras, Olavo Romano sabe que a arte de contar histórias é milenar. “*Certa vez, em Juiz de Fora, ao contar uma história que ouvira no interior de Minas, alguém me interpelou dizendo que aquela mesma história, com pequenas variações, já circulava em uma província da Espanha há mais de 2 mil anos*”. E relaciona alguns contadores clássicos, como o William Shakespeare, de “*O Mercador de Veneza*”. Lembra ainda que o Vale do Paraíba sempre foi pródigo em contadores e não deixa de citar o cordel nordestino, como um típico caso.

Instado a citar escritores mineiros, menciona de imediato Mário Palmério e Guimarães Rosa, acrescentando os da geração

‘mais moderna’, como Oswaldo França Júnior, Luiz Giffoni, Maria Esther Maciel e o jovem Léo Cunha, “*uma revelação*”.

Perito criminal concursado, trabalhou sempre no serviço público, mas nem sempre nessa área, tendo sido deslocado a outros cargos e funções na Fundação João Pinheiro ou em gabinetes, especializando-se em gestão pública, que chegou a lecionar. Quando universitário de Direito, militou na política estudantil, gosto que provara no Ginásio em Oliveira, e integrou a diretoria da União Estadual dos Estudantes.

Mas confessa que o coração sempre pulsou no desejo de escrever, “*sonho e fascínio da vida inteira*”. O sonho que ainda persiste é o de contar a saga da avó paterna que, casada à força com um tio 40 anos mais velho, para cumprir palavra do pai, se apaixona pelo padre italiano do lugar e, literalmente roubada, foge com ele, “*de galope, deixando abertas as porteiças todas*”.

Olavo Romano integra a Academia Mineira de Letras desde 2004 e a preside desde maio de 2014. Na Academia, entende como seu papel “*não deixar desaparecer a memória*” e pensa em criar uma verdadeira Federação de Academias em Minas, para integrar as várias regiões.

As atividades fora da literatura, entretanto, jamais irão fazê-lo abandonar as histórias. Afinal, como diz, “*contar caso, contar histórias, faz bem à saúde. Aliás, até salva a vida – Sherazade que o diga*”.

Obra

- *Casos de Minas* (1982)
- *Minas e seus casos* (1984)
- *Dedo de prosa, Prosa de mineiro* (1986)
- *Os mundos daquele tempo* (1988)
- *Um presente para sempre* (1990)
- *Memórias meio misturadas de um jacaré de bom papo* (2002)
- *São Francisco Rio Abaixo*, com o fotógrafo José Israel Abrantes (2006)
- *Retratos de Minas* (2007)

O conto *Como a gente negocia gerou o curta-metragem Negócio Fechado*, premiado no Festival de Gramado de 2001.

O texto Zeca Lifonso serviu de base a curta-metragem produzido em Muriaé pelo cineasta Euler Luz.

O grupo Carbone 14 filmou 30 histórias da sua obra para distribuição gratuita em bibliotecas, escolas e centros culturais, e publicadas, em 2007, com o título *Eta mineiro jeito de ser*.

Publicou ainda, sob encomenda, livros alusivos ao Centenário de Belo Horizonte e a regiões da capital, como *a Cidade Nova* e *a Caçara*, além de outras obras relativas a empresas.

Está terminando a revisão de um texto que aborda a linguagem oral, a arte de contar histórias, para um livro a ser publicado pela editora do Sesc de São Paulo.

O caminho de São Tiago*

Olavo Romano

O pai precisava resolver uns negócios na cidade e chamou o filho para ir junto. Fazia muito tempo que Tiãozinho tinha ido a São Tiago a última vez.

Estava agora com dez para onze anos, era quase um rapazinho.

Botou arreio novo no Rosilho, com peitoral e rabicho, coxinilho e capoteira. Tomou banho geral, vestiu o terno branco, bebeu um café reforçado e, dia amanhecendo, metia o pé na estrada.

Viagem estirada, a bem dizer quatro léguas, oito ida e volta. Coisa pra macho. Por isto ia tão intimado.

Na cidade, chupou picolé e experimentou refresco de groselha. Escutou conversa de homem na farmácia do João Reis, depois deu umas voltas na praça da Matriz. Comeu lombo de porco com linguça, tutu de feijão e couve picadinha na pensão do Luís Caputo. Escutou muita música caipira no rádio do Vicente Mendes, enquanto fazia suas compras: um pente "Flamengo", um espelhinho de bolso com o escudo do Vasco nas costas, um canivete "Corneta", mais dúzia e meia de bolinha de gude para encantar as vistas e invejar os irmãos.

Duas e pouco, tudo resolvido, saía de volta, acompanhando no pequirá a marcha larga da Princesa, besta baía de estimação pai.

Era janeiro, dias quentes e grandes. Chegou em casa com céu ainda claro. Trocou de roupa, jantou, foi pro alpendre conversar com os agregados. Manuel Vaqueiro pergunta:

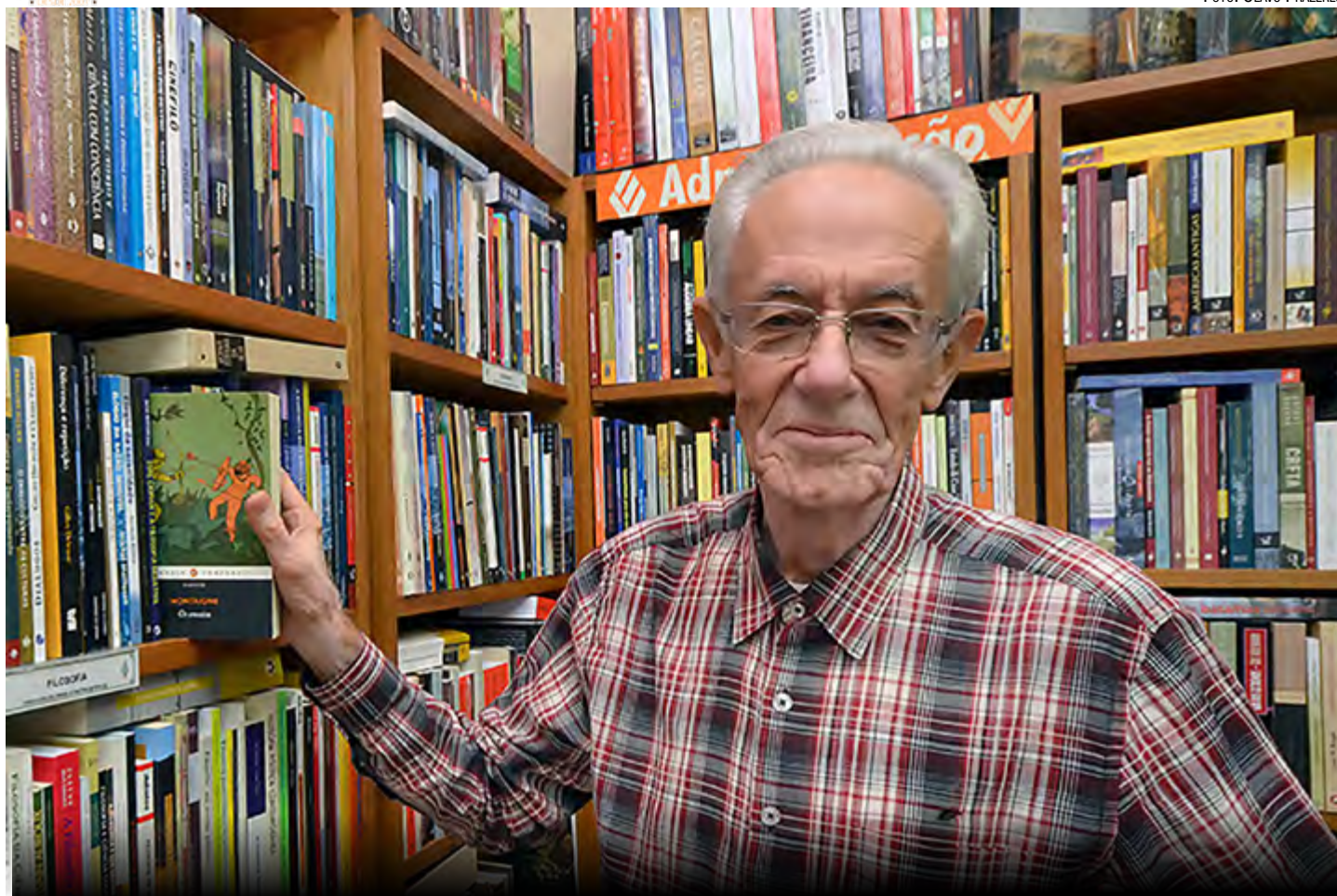
– Comé, Tiãozinho, gostou da viagem?

O menino tinha as pernas raladas, o traseiro doendo daquele estirão de quase oito léguas. Mas trazia a alma cheia de uma novidade muito bonita. Estufou o peito, tomou um ar solene e revelou ao grupo de empregados sua importante descoberta:

– Olha, gente, quem quiser saber como este mundo é grande, viaje pros lados de São Tiago.

(*Do livro "Casos de Minas", Ed. Paz e Terra, SP, 1982, 6ª ed.)





Professor Thiago Adão Lara uma perda insanável

O falecimento do filósofo e professor Thiago Adão Lara dia 26/09/19, enlutou a comunidade são-tiaguense sua terra natal e todo o meio acadêmico e intelectual.

Com larga e invejável folha de serviço prestados ao País nas áreas social, educacional, intelectual, religiosa era um dos mais brilhantes pensadores brasileiros.

Um grande amigo e colaborador de nosso boletim, a quem chamava de “preciosidade”, fato que muito nos honra.

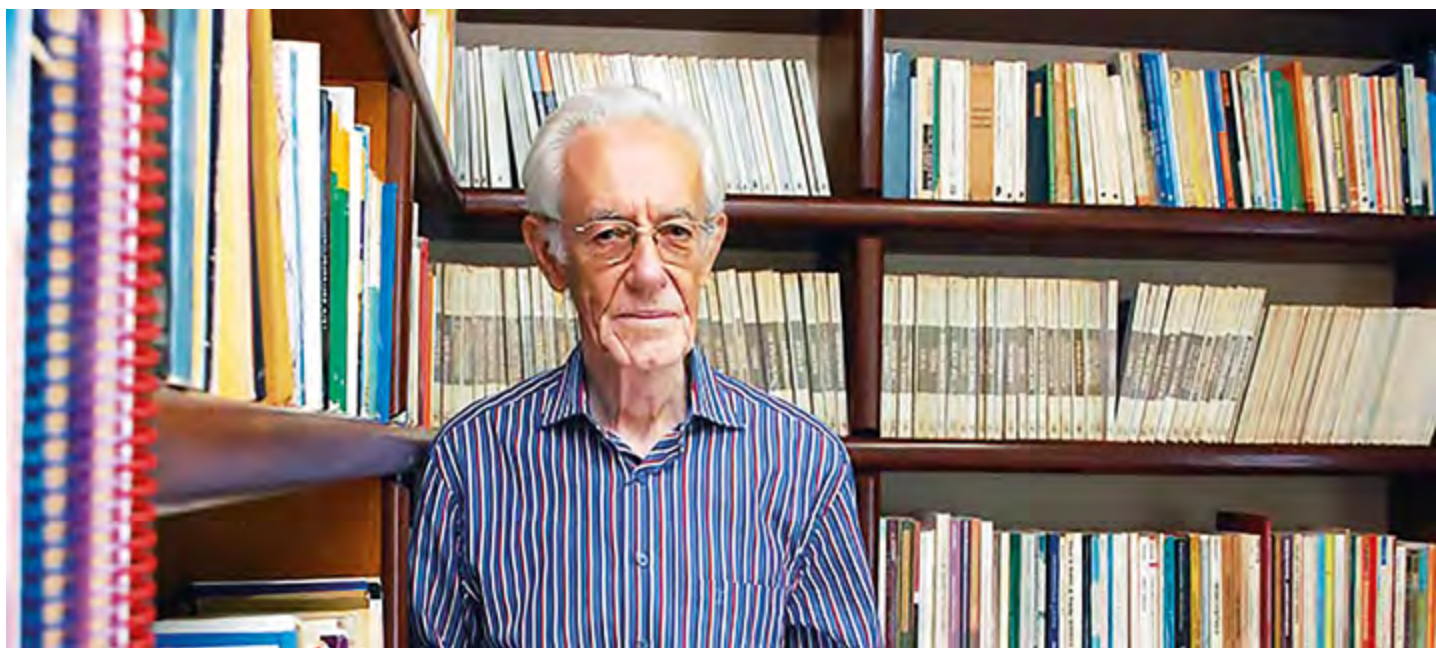
A Tiago Adão Lara – que ora retornou ao seu Pai – nossas homenagens, respeito e gratidão.

Morre o filósofo e professor Tiago Adão Lara, aos 89 anos

Corpo está sendo velado no Cemitério Parque da Saudade, e o enterro será nesta sexta (27), às 10h

Por Mauro Morais

26/09/2019 às 16h43 - Atualizada 26/09/2019 às 17h17 - www.tribunademinas.com.br



Tiago Adão Lara em registro de 2011 (Foto: Olavo Prazeres)

Tiago Adão Lara era escuta e também palavra. Responsável por popularizar a filosofia em Juiz de Fora, ele fundou, no já longínquo 2003, ao lado da esposa Maria Helena Falcão Vasconcelos, o Café Filosófico, dando aos assuntos cotidianos contornos de complexidade e profundidade. Inicialmente abrigado no Espaço Mezcla, o projeto passou pela Livraria Liberdade, pelo O Andar de Baixo e, ainda, por praças da cidade, debatendo poder, espaço urbano, religião, política e muitos outros temas. Em reportagem de 2005, na Tribuna, Lara celebrou o sucesso da proposta, explicando ser a filosofia uma reflexão sobre a maneira racional de viver. “Razão, nesse caso específico, é a motivação que dá sentido à vida”, ressaltou o filósofo, professor, escritor e poeta, nascido em São Tiago, a 200km de Juiz de Fora.

Durante a adolescência, Tiago viveu por oito anos no Seminário Salesiano de São João del Rei, cursou teologia em Turim, na Itália, e foi ordenado padre, mas desligou-se da igreja tempos depois. Formou-se em filosofia pela Faculdade Dom Bosco, em 1970. Um ano depois, seguiu para a Bélgica, onde se especializou. Já doutor, ingressou como professor na Universidade Federal de Uberlândia e, anos depois, também lecionou na UFJF e no CES/JF. “Em sua trajetória em nossa universidade, a UFU, foi professor de muitos que atualmente constroem o movimento docente e sindical, ensinando o que deixou nítido

em vários de seus escritos: que a vida revela-se como um processo, que são características inerentes do humano a criação e a invenção. Esta visão dialética da vida levou-o a classificar a si mesmo, em entrevista dada para a “Revista Educação e Filosofia” (UFU, 1996, p. 07), como tímido e ousado, ao mesmo tempo. Em suas palavras: ‘Eu tenho uma timidez enorme, mas ao mesmo tempo existe dentro de mim uma vontade enorme de não me deixar levar (...) Dentro eu ferver, fora eu me comportar’.”, destaca a nota de pesar da Associação dos Docentes da Universidade de Uberlândia.

Expoente da Teologia da Libertação, corrente que defende a justiça social e a igualdade, Tiago coordenou as Comunidades Eclesiais de Base em Juiz de Fora e tornou-se uma das principais referências no debate acerca da educação popular. Entre seus livros, destacam-se “A filosofia nas suas origens gregas” (Editora Vozes), “Caminhos da razão no Ocidente” (Editora Vozes), “A escola que não tive... o professor que não fui...” (Cortez Editora), “A filosofia nos tempos e contratempos da cristandade ocidental” (Editora Vozes), além de trabalhos ficcionais. Sábio, era reconhecido pela gentileza e pela generosidade. Tiago morreu na manhã desta quinta-feira (26), no Hospital Monte Sinai, onde estava internado para o tratamento de uma leucemia. Ele deixa a esposa, Maria Helena Falcão Vasconcelos. Seu corpo está sendo velado na capela de número 1 do Cemitério Parque da Saudade, no Bairro Santa Terezinha, e o enterro será nesta sexta (27), às 10h.

O GOLPE ESPANHOL A SAGA DE LUIS CAPUTO E FRANCESCO PALUMBO

É de conhecimento público que, em inícios do século passado, nossos conterrâneos e homens de negócios LUIS CAPUTO e FRANCESCO PALUMBO viram-se envolvidos em um golpe praticado por estelionatários europeus, o que lhes valeu sérias complicações com as autoridades da época. O que se sabe pela oralidade, segundo depoimentos de ambos – aliás “do pouco” que disseram às famílias – é que, após Luís Caputo receber uma “carta vinda da Espanha”- informando-o de uma “herança” ali deixada por um parente, para lá se dirigiu em companhia de Francesco Palumbo, ali sofrendo intermináveis dissabores. Retornando ao Brasil, de mãos vazias, acabaram se complicando de veras com as autoridades brasileiras. Assunto esse tratado em nosso boletim nº XCV - agosto/2015.

Era, na prática, um certo “conto do vigário”, naquilo que se ficou conhecido, naqueles tempos e ainda nos dias atuais como “golpe espanhol”. Estelionatários em Portugal e na Espanha, geralmente criminosos que utilizavam nomes falsos e expedientes rocambolescos (passavam-se até mesmo por padres e bispos, a fim de darem credibilidade aos seus engodos – enviavam cartas a homens de negócios no Brasil, atraindo-os para “negócios rendosos”, que se comprovariam ser fraudulentos ou fictícios (heranças milionárias envolvendo órfãs, depósitos retidos em bancos europeus, tesouros enterrados etc.). Eram correspondências atrativas, excitantes que “mexiam” com o imaginário e quando não a ganância dos empresários ingênuos e lesados.

Eis o que acontecera com os nossos bons são-tia-guenses Luís e Francesco pelos idos de 1914. Entre o que reza a oralidade e o que realmente aconteceu (ou foi noticiado) provavelmente há muitas interrogações e pontos não devidamente esclarecidos. Mesmo porque Luís Caputo e Francesco Palumbo tiveram orientações de experientes advogados, de forma a minimizar os efeitos das acusações.

Nosso amigo e historiador Vinicius Mata, a quem, uma vez mais, agradecemos, localizou nos arquivos da imprensa carioca da época, interessantes matérias a respeito e que reproduzimos na página seguinte.

Um cheque falso de 950.000
francos

Pedido de “habeas-corpus” a favor
de Luiz Caputo

Incompetencia do juizo da 1ª vara cri-
minal

Em favor de Luiz Caputo, preso na Casa de Detenção, por haver tentado receber do Banco Italo-Francez a importancia de 950.000 francos, mediante um cheque falso do Banco Franco-Anglo-Americano, foi impetrada pelo sr. Alberto Beaumont uma ordem de “habeas-corpus” ao juiz da 1ª vara criminal, sob fundamento de que não houve flagrante, que o paciente se acha preso ha doze dias sem iniciar-se a formação da culpa e que não ha prova da tentativa de estellionato, classificação do facto imputado ao paciente.

O juiz, dr. Souza Gomes, considerando que o paciente se acha á sua dispsição, julgou-se incompetente, em face da lei judiciaria, para tomar conhecimento do pedido, o que compete á 3ª Camara da Côte de Appellação.

Fonte: Jornal O Imparcial nº 146 – 20/04/1913

Si as "bichas" pegassem !...

UM «CONTO» ANTIGO

Falsificação de um cheque
de 950.000 francos

PRISÃO EM FLAGRANTE



Luiz Caputo

não sabia explicar como havia obtido o cheque, reputado grosseiramente falsificado.

Mais tarde, Luiz Caputo, habilmente interrogado confessou tudo e daí se pôde então concluir que elle cahira num conto de vigário pelo systema, aliás já conhecido da nossa policia ha alguns annos.

Esses «contos», em regra, são pregados por estelliontarios, que dirigem cartas de Hespanha ou de Portugal, a pessoas que elles sabem gostar de negocios em que os lucros sejam fabulosos e adquiridos rapidamente e sem trabalho, embora haja algum risco de incorrer nas disposições do Codigo Penal.

A historia contada é simples: quasi sempre é um evadido das galés, ou um individuo homisiado, que se diz possuidor de titulos mercantis que só podem ser resgatados por terceiros e em outro paiz.

Elles contam com a honestidade dos cumplices, caso as bichas peguem; e, no caso de insuccesso a sua impunidade está segura, porque quasi sempre elles usam nomes suppositos

Foi semelhante a esta a historia contada a Luiz Caputo, cujos precedentes, na cidade de Santiago, Estado de Minas, onde elle exerce a função de inspector escolar interino, são as melhores.

O cheque que Caputo apresentou ao banco tem o numero 366, da serie 2ª e foi datado em Paris a 23 de setembro do anno findo.

Fonte: Jornal A Notícia
nº 88 - 15/04/1913

UM CONTO DE NOVA
ESPECIE

A HISTORIA DO CHEQUE FALSO DE 950.000 FRANCOS CONTADA PELA POLICIA

Continúa detido o individuo de nome Luiz Caputo, que, conforme noticiámos, foi preso flagrantemente, quando pretendia receber do Banco Franco-Anglo-Americano um cheque na importância de 950.000 francos, visivelmente falso.

Luiz Caputo confessa agora ser inspector escolar interino em Santiago, no vizinho Estado de Minas.

Pelas declarações de Caputo, presume-se ter sido victima de um conto do vigário planejado por um velho Sanocoff, internacional.

Recebera, juntamente com o seu collega Pamulho, uma carta de Sanocoff pedindo que fossem soccor-



LUIZ CAPUTO

rel-o, livral-o da prisão espanhola em que se achava por delicto de furtos em um guarda, para o que possuía Sanocoff um cheque na importância de 950.000 francos, em mãos de outro guarda, em Lisboa.

Partiram ambos, Luiz Caputo e Pamulho, seduzidos com a perspectiva de uma rapida fortuna representada naquelles 950.000 francos e chegados á capital portugueza, pagas 9.000 pesetas de multa a qual a justiça espanhola obrigara Sanocoff voltarem ao Brasil, três-ante-hontem e logo procuraram receber do referido Banco o cheque falso, de n.º 366, 2ª serie e datado de 23 de setembro de 1912.

Um dos directores do Banco, reconhecendo a falsidade do bilhete apresentado por Caputo, avisou immediatamente a policia que compareceu ao estabelecimento bancario, prendendo o portador do cheque.

Hontem, Caputo interrogado na policia fez as declarações que abri-

Fonte: Jornal Correio da Manhã
nº 5190 - 16/04/1913

DAS "ALTEROSAS" À BURRA PARA LEVAR UM "CONTO"

A ASTUCIA DE UM "CONDEMNADO" — SEM AS 9.000 PESETAS E OS 950.000 FRANCOS.

Luiz Caputo estava muito bem lá na sua casa de negocio, em Santiago, Estado de Minas Geraes.

Não tinha nada para lhe preocupar o espirito, a não ser os seus negocios.

Um dia, porém, um seu collega foi procurá-lo, afim de lhe propôr um negocio esplendido, negocio em que os dois poderiam ganhar muito dinheiro.

Francisco Calambo, como se chama o outro negociante, mostrou-lhe uma carta vinda de Madrid.

Essa missiva encerrava, nada menos do que uma tristissima historia, uma aventura moscovita.

Sanocoff era quem a assignava e se dizia uma victima da seducções da vida.

Tinha sido importante negociante em Petersburgo.

Seus negocios andavam muito bem, entretanto, os lucros não eram grandes.

Seduzido pelos prazeres de uma vida mais cheia de prazeres, engendrou um plano e falliu fraudulentamente, ficando com uma grande fortuna.

Foi obrigado a fugir do paiz para não ir cumprir uma grande pena que lhe seria fatalmente imposta.

Dirigiu-se a Paris, onde passou uma vida alegre.

Depois, foi com um amigo para Madrid, n'uma entragem luxuosa.

Em caminho foi obrigado a agir contra o companheiro, que se portava de modo inconveniente.

Um guarda interveiu na questão e Sanocoff applicou-lhe alentados soccos, tendo a infelicidade de lhe vasar um olho.

Foi preso e condemnado a tres annos de prisão e mais a multa de 9.000 pesetas.

Não podia lançar mão da sua fortuna pois que assim seria descoberto.

Na prisão encontrou um amigo que lhe ensinou um meio de se ver livre daquella situação.

Esse meio era recorrer a Palumbo, a quem conhecia e abonava a conduta.

Pedia-lhe, portanto, para ir a Lisboa, onde encontraria o guarda a quem devia dar as 9.000 pesetas, da indemnização, e receber um cheque de 950.000 francos do Banco Franco-Anglo-Americain, sacado contra o Banco Franco-Italiano, á rua da Alfandega n.º 41, no Rio de Janeiro.

Não precisava do restante, pois a sua fortuna subia a milhares de contos.

O negocio era dos melhores. Palumbo e Caputo pensaram e viram que a vantagem era grande.

Resolveram, por isso, levar ávante a obra projectada.

Resumiram seus bens, vieram para o Rio, tomaram um vapor e singraram as aguas do Atlantico, em busca do lucro fabuloso.

Efectivamente, em Lisboa encontraram o dito guarda.

Deram-lhe as 9.000 pesetas e receberam o cheque.

A pressa de entrarem logo na posse dos 950.000 francos, fez com que elles não se demorassem na Europa.

Tomaram o primeiro vapor, e antehontem aportaram ao Rio.

Agora, era só receberem o dinheiro.

Hontem, cerca de 2 horas da tarde, do Banco Franco-Italiano telephoraram para a delegacia do 1º districto, communicando que naquelle estabelecimento se passava qualquer coisa de anormal.

O commissario Julio Rodrigues lá compareceu, e um fúncionario lhe contou que Luiz Caputo tinha tentado receber ali um cheque de 950.000 francos.

Esse cheque era falso, pois nelle se notava até o erro do francos.

Demais não havia banco com aquelle nome.

O commissario prendeu Caputo. Levado para a delegacia ali elle narrou o que havia succedido.

Elle e seu companheiro levaram um "conto do vigário", mas um "conto" internacional.

Como a boa fé e ingenuidade dos mineiros já são conhecidas na Europa...

Fonte: Jornal O Paiz
nº 10417 - 15/04/1913

BANDEIRAS NACIONAIS BRASILEIRAS

A Bandeira é o emblema maior de um País, recebendo sobre si as aspirações e designios maiores de seu povo; é o manto protetor, figurativo, evocativo, concentrando em si atributos e qualidades que personificam a consciência coletiva nacional. A Bandeira transmuta a energia adormecida no imo de cada cidadão em energia latente, pulsante, potencializada, retornando-a em forma dos mais nobres sentimentos patrióticos, ímpetus realizadores e os mais elevados princípios cívicos. Por detrás de uma bandeira, oculta-se uma verdade cíclica, histórica, dinamizando a vontade evolutiva e desenvolvimentista de um povo.

Bandeiras Nacionais - A primeira bandeira brasileira, na condição de Colônia, à época do Descobrimento, foi a bandeira real que vigorava desde 1495. Foi ela trazida pela frota de Pedro Álvares Cabral – de fundo branco mostrando o escudo real sobre a Cruz de Cristo, em cor escarlate, o que identificava a Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo (ex Ordem dos Templários) então impulsionadora da Diáspora Portuguesa (navegações, colonização etc.), sendo D. Manuel I, rei português à época. A primeira bandeira foi alçada em solo brasileiro no dia 1º de maio de 1500 em Porto Seguro, Bahia, junto ao altar onde foi oficiada a primeira missa por Frei Henrique Soares, membro dos franciscanos claustrais de Coimbra⁽¹⁾.

A 2ª bandeira real surgiria em 1521 instituída por D. João III e mantida durante os reinados de D. Sebastião e do Cardeal-Rei D. Henrique; era de fundo branco, recebendo o escudo de cinco quinas e dos sete castelos encimados pela Coroa Real e vigoraria até 1616, quando já sob o domínio espanhol. D. Filipe III de Espanha (D. Filipe II de Portugal) instituiu a bandeira de ocupação semelhante à anterior, mas com um ramo de louros sobressaindo de sob o escudo e este encimado pela Coroa Imperial, assinalando estarem Portugal e Espanha sob um mesmo trono. Com a Restauração – independência de Portugal ante o jugo espanhol (1640) – o rei D. João IV modificou o pavilhão opressor, recebendo as cores quadrado branco sobre fundo azul. No centro, permaneceu o escudo das cinco quinas e sete castelos encimado pela coroa imperial, encerrando-se no topo em cruz latina. Este pavilhão foi criado essencialmente como uma ruptura às ambições da Corte Espanhola, mormente quanto às colônias do Reino Português na Índia e na América.

Em 1645, criou-se a bandeira do Principado do Brasil, uma dignidade criada por D. João IV em favor de seu filho mais velho, Teodósio, aquinhado com o título de “Príncipe do Brasil”, honraria que prosseguiria concedida pelos soberanos seguintes aos príncipes herdeiros portugueses. Esta bandeira seria melhor conhecida como “bandeira do comércio”; era constituída por uma esfera do universo atravessada perpendicularmente pelo sigígio, tudo em dourado, encimado pelo globo-múndi em azul, tendo por cima a Cruz de Cristo em tom vermelho; sobre fundo branco, a figura postada à esquerda, próxima ao cordame do mastro. Ao ascender ao trono em 1669, D. Pedro II manteve na bandeira o escudo das cinco quinas e dos sete castelos, mas o fundo, que era branco, passou à cor verde.

A primeira bandeira efetivamente brasileira foi oficializada em maio de 1816, com a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves por D. João VI já em terras brasileiras, juntamente com sua Corte, após a invasão de Portugal (1808) por tropas francesas, a mando de Napoleão Bonaparte. As armas da bandeira de 1816 eram as mesmas de 1669, na mesma posição, com o escudo real



Bandeira Real



Bandeira de Dom João III



Bandeira do Principado do Brasil



Bandeira Imperial do Brasil

sobre a esfera armilar, encimada pela coroa imperial, com a Cruz de Cristo no topo. O fundo verde voltou a ser branco. Essa bandeira vigorou até 1821, quando foi substituída pela Bandeira do Reino Unido Constitucional, proclamado pelas Cortes de Lisboa com a anuência de D. João VI. As armas eram as mesmas do pavilhão anterior, mas o fundo passou a ser dividido em duas faixas longitudinais azul e branca, aquela menor que essa.

Império - Com a Independência em 1822, criou-se a Bandeira do Império, auriverde, com o escudo do Império do Brasil; constava de um pano verde com losango amarelo ao centro e dentro dele um escudo verde carregando um círculo estelar cercado a esfera armilar sobre a Cruz de Cristo (decreto imperial de 18/09/1822). Por cima do escudo, a coroa do Império do Brasil; por baixo, entrelaçados e subindo pelos lados, dois ramos (café e tabaco). A escolha das cores verde e amarelo fora do próprio Imperador Pedro I, ficando a feitura do pavilhão imperial e do respectivo brasão a cargo do célebre artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), à época residente no Brasil.

República - Com a proclamação da República, vigorou durante quatro dias (15 a 19/11/1889) a bandeira do Clube Republicano Lopes Trovão e que foi hasteada provocativamente no navio que levou a família imperial ao exílio. Era uma bandeira extremamente semelhante a dos Estados Unidos da América do Norte, composta de sete listras verdes alternadas por sete listras amarelas, tendo, ao alto, um quadrado azul com 17 estrelas simbolizando as Províncias. Coisa de abastalhados...

Em 19 de novembro, pelo decreto nº 4, por proposta de Benjamin Constant, o governo provisório republicano aprovou a atual Bandeira Nacional do Brasil, a que inseriram a inscrição “Ordem e Progresso”, retirada da máxima positivista de August Comte: “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim” Sua configuração, até hoje, atrai polêmicas, em particular sobre o céu (projeção astronômica das estrelas) que compõem o pavilhão, bem como até mesmo os responsáveis pelo projeto de elaboração⁽²⁾.

NOTAS

(1) Alguns historiadores consideram que a primeira bandeira portuguesa foi a da Casa (condado real) de Borgonha, berço genésico da França, de fortíssima matriz cristã, de onde proveio o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Era constituída por um pano quadrado com fundo branco atravessado em todo seu comprimento e altura por uma cruz azul de braços iguais. Esta bandeira sofreria posteriores alterações e incorporações como as cinco quinas (segundo alguns, uma referência às cinco chagas do Senhor, com base no milagre cristológico de Ourique), além de escudetes e besantes, configurando a cruz pátea, vanguarda de um país em formação e expansão.

(2) Sugerimos a leitura da obra “A Bandeira Nacional”, cujo autor Eduardo Prado é um dos maiores críticos da bandeira republicana, ainda hoje vigente.



ELENA LOPES RESENDE MARTINS

Ser uma super heroína não significa ter poderes, super força, voar e salvar o mundo de vilões. Ser super heroína é ser boa e ajudar as pessoas, afinal, pequenos atos podem ser heróicos.

Era uma vez uma são-tiaguense além de seu tempo. Uma mulher visionária, moderna. A primeira mulher de São Tiago a ter um carro e dirigir.

Assim, é a Elena Lopes. Uma heroína destemida, que não mede esforços para ajudar as pessoas para o bem. Afinal, não adianta ajudar só para ganhar algo em troca. Ela colabora com muita gente, com a sociedade e particular de vários trabalhos voluntários. Não é demais?

Mesmo não tendo capa ou super poderes, ela é uma grande heroína.

Afinal ela ajuda no Albergue São Francisco de Assis. O que seria dos nossos idosos, sem a ajuda de nossa heroína? Ela ajuda na administração do Hospital São Vicente de Paulo, assim, mantendo a instituição que salva milhares de vidas são-tiaguenses. Participa da Diretoria da APAE, ajudando nossas crianças especiais.

É até difícil mencionar um órgão de nossa cidade em que esta heroína não colabora com seu trabalho.

Na educação, além de ter lecionado e ter sido inspetora por muitos anos, foi incentivadora para a criação da única faculdade presencial de São Tiago, a UNIPAC. Assim, ela contribuiu para que muitos jovens adquirissem o seu curso superior sem precisar sair de São Tiago. Graças a esse feito heróico, temos grandes personalidades em nossa educação atual.

Participa, também, da Casa da Amizade, onde promove, juntamente com outras damas, vários eventos beneficentes.

Ufa! São muitos trabalhos! Elena é mesmo uma mulher incansável! Por isso merece reconhecimento como super heroína.

(Ana Clara Oliveira, Jacyara S. Morais, João Victor de Oliveira, Maria Isabel V. Resende, Marinas Caputo)



FÁTIMA MARIA CAMPOS

Esta história é de uma heroína. Mas não de uma heroína que usa capa e máscara para não revelar sua identidade. Pelo contrário, esta heroína tem a sua identidade revelada e reconhecida por toda a sociedade por sempre ajudar as pessoas. Ela se chama Fátima Maria de Campos.

Ela não é daqueles tipos de heróis que ajudam para fazer fama. Ela ajuda sem esperar nada em troca e é isso que afaz tão especial.

Um de seus feitos mais heróicos é ajudar aquelas pessoas que são esquecidas pela sociedade: os idosos. Ela, além de compor a diretoria do Albergue São Francisco de Assis, passa horas conversando, dando atenção e carinho aos velhinhos que ali se encontram. Muitos deles esquecidos por familiares e amigos, veem na D. Fátima seu amparo afetivo.

Outro feito é ajudar na igreja. Ela adora dedicar um pouco de seu tempo a Deus. Por isso já deu curso de Batismo, de Catecismo, foi zeladora do Movimento da Mãe Rainha e foi Ministra da Eucaristia. Assim, pode compartilhar sua fé com várias pessoas.

Ela também ajuda no hospital.

Além disso, esta heroína contribuiu muito para a educação de nosso município. Foi professora por muitos anos. Deu aula em Mercês de Água Limpa, em São Pedro das Carapuças, na Escola Estadual Afonso Pena Júnior e na Escola Estadual Henrique Pereira Santiago. Para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem, chegou até a dar aula de reforço.

Atos como esses, de uma vida em prol do próximo, são atos de heroísmo. Por isso, D. Fátima é uma heroína de São Tiago.

(Felipe A. Caputo, Henrique M. Assis, Luiz Gustavo E. Trindade, Luryann R. A. S. Martins, Miryam L. Tibeiro)



O BRASIL E SUA MISSÃO PROFÉTICA – A FUNÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL NO MUNDO

O Brasil, segundo várias profecias e crenças, acha-se vocacionado, em seus espaços geográficos e humanos, a liderar uma nova civilização, um novo ciclo histórico e um novo destino para a humanidade, permeados pela paz, fraternidade, equidade, congregando povos e raças por fortes elos solidários, humanistas e espirituais. É vaticínio das mais remotas eras, anseio de várias gerações no torvelinho dos tumultuosos séculos e cujo reino de concórdia e progresso, em si messiânico, por maiores os problemas vivenciados ou mesmo o descrédito, vem criando raízes, brotando, florescendo, frutificando benesses, ideais de direito e de justiça plena. Percalços atuais não serão empecilhos para que o País atinja o seu grande destino – o de participar ativamente da evolução da raça humana – é o que afirmam as profecias sobre o Brasil.

O Brasil é uma terra de riquezas vivas, crepitantes, o santuário moral do gênero humano e da sociedade futura, aqui reunindo povos das mais diversas procedências. Somos um caldeirão de raças e crenças as mais diversas, oriundas de todas as partes do mundo, um País predestinado à edificação de uma nova sociedade, a exercer um importante papel na espiritualização planetária, em novos tempos de exemplificação do amor, da concórdia e da compreensão, à medida que povos e velhos continentes encontram graves e crescentes problemas sociais. A missão de suprir as necessidades materiais dos povos mais carentes do planeta, mas também facultar ao mundo a expressão consoladora da fé e da crença, como um celeiro de clarezas espirituais e de reconciliação de todo o orbe.

O brasileiro é dotado, por sua vez, de alta sensibilidade psíquica, com uma familiaridade reconhecida e incomum com a recorrência de doutrinas ou correntes religiosas – em especial as de cunho espiritualista ou místico – daí, segundo pensadores que não devem, momento algum, ser desconsiderados ou desprezados ser nosso País destinado à condição de nação líder da Nova Era ou Era de Aquário, assim denominada por grupos espiritualistas⁽¹⁾.

Como fonte de um pensamento novo, sem os estigmas da separatividade, cabe-lhe a condição de farol social, moral e espiritual do mundo, vanguardeiro da paz e da fraternidade dentre as nações e o histórico papel de exercitar a consciência cívica e espiritual. Seu povo, fruto do cruzamento de todas as raças, com suas virtudes e incongruências – dotado por um psiquismo agudo, incomum, sintonizado com valores maiores da tolerância e confraternização – é a síntese luminosa e anunciadora de uma nova sociedade mundial que se espelhará pela harmonia, justiça, liberdade, paz e elevada cultura. “Do Brasil, desta imensa terra, partirão os fundamentos do mundo de amanhã”.

Uma nação com estruturas e instituições ainda em processos de transformação, de burilamento, de superação. Nossos valores herdados em grande parte de Portugal, nosso povoador, cujo povo é fruto igualmente de grande mescla racial, ampliando-se aqui mecanismos de miscigenação e confraternização étnica. Portugal trouxe para o Brasil um extenso e milenar caldeamento, presentes o sangue ibero, celta, grego, egípcio, fenício, romano, vândalo, visigodo, judeu, árabe, gaulês, flamengo, normando, inglês e aqui misturados ao ameríndio e ao negro e ao longo dos séculos com povos migrantes de todo o mundo, um tipo étnico ainda indefinido, sincrético, matéria prima racial e primacial da futura humanidade (7ª raça-raiz).⁽²⁾

A despeito da corrupção crônica, da desarticulação social do sectarismo de alguns grupos poderosos e corruptos que açambarcam o poder, das crises agudas de caráter político, administrativo e econômico, das quízielas e vulgaridades partidárias e de autoridades, nosso País – mercê da Iluminação Divina, sob a égide de Cristo – encaminha-se para consolidar um padrão ético superior em todos os setores de atividades humanas. Nenhum povo ou País possui hoje um temperamento psicológico, cosmopolita, uma natureza intuitiva e tolerante como a nossa. Somos avessos ao caudilhismo fraticida, ao separatismo e ao tiranismo sanguinários. Caminhamos por processos pacíficos de socialização, de experimentação fraterna, sem os extremismos

próprios dos povos belicosos, sem violências ideológicas severas ou seja regemo-nos por um padrão ético-comportamental equidistante de dogmatismos ou imposições inquisitoriais de ordem político-religiosa. Nossas características psicológicas, temperamentais, frutos de etnias heterogêneas, formam um patrimônio social lapidado, trabalhado, gerando uma nação empreendedora, consciente de seu papel indutor da confraternização universal.

O Brasil é, em suma e enfim, uma terra especial para os propósitos divinos. Território imenso, continental, solo fértil, dotado de amplos recursos naturais e humanos, desde o berço, servido e regado por orações e pelo apostolado de inumeráveis evangelizadores – a começar pelos jesuítas – e mesmo o sangue de mártires. Povo benevolente, sofrido, místico, vítima, dolorosamente, de piratas que, sob a capa de governantes e autoridades de todos os naipes, saqueiam-nos as riquezas, roubam-nos as esperanças. Tem, contudo, o Brasil papel especialíssimo na implantação do Reino do Senhor, este sumamente fiel e que realizará Seus grandes feitos na Nova Terra, embora as águas turvas, turbulentas e passageiras que nos ameaçam...

“Feliz do Brasil!” palavras atribuídas ao insigne Papa Paulo VI em 1967 ao ler o 3º Segredo de Fátima.

NOTAS

(1) *Líderes e próceres da Umbanda – essa notável crença de raiz afro-brasileira – como Roger Feraudy, atestam igualmente em seus escritos a predestinação do Brasil, “a terra das estrelas” no cenário mundial futuro.*

Há que se registrar que, nos últimos tempos, inúmeras doutrinas religiosas orientais vem se implantando e se expandindo no Brasil, muitos de forma enfática, a exemplo da Fé Baha’i (oriunda do islamismo persa, fundada no século XIX por Baha’u’llah – 1818-1892); religiões de matriz japonesa como Seicho-no-iê, Perfect Liberty, Mahikari, Igreja Messiânica Mundial, Oomoto, Tenrikyo, bem como religiões tradicionais de origem chinesa como o taoísmo e suas tradições (kung-fu, tai-chi-chuan, feng shui etc.). Por outro lado missionários brasileiros têm levado o Evangelho a várias partes do mundo.

(2) *Segundo vários autores, em especial os de âmbito espiritualista-fraternalista, estamos nos preparando para o advento da sétima raça-raiz (ou raça-mãe), sendo a América do Sul em geral e o Brasil em particular destinados a ser(em) o seu berço.*

Algumas profecias atribuídas ao nosso País (sem quaisquer juízos de valor ou de proselitismo, extraídas de vários grupamentos religiosos e filosóficos e que aqui apenas - e tão somente – registramos)

I. Gonçalo Annes Bandarra (1500-1556 ou 1560), sapateiro da Vila de Trancoso, região da Beira Lusitana, em Portugal, tornou-se famoso por suas trovas em tom profético, de enorme repercussão em sua época e nos séculos seguintes, enaltecido por grandes figuras do pensamento português como o Pe. Antonio Vieira e Fernando Pessoa, em especial por seus vaticínios sobre a instalação do V Império Português⁽¹⁾, sob o comando do “Encoberto”, rei português que guiaria todos os povos em direção a uma única pátria, a uma única fé (cristã). Bandarra é, dessa forma, identificado como fundador do sebastianismo e profeta da Restauração Portuguesa. Foi preso e processado pela Inquisição e suas trovas proibidas.

Há quem considere que suas quadras (n. 70 a 72) são uma referência a uma nova civilização a partir do coração do Brasil – “semente do poente” – em particular a partir da construção de Brasília, no Planalto Central, chancelando um novo reino ou realidade com realidade social, política, temporal e espiritual.⁽²⁾

II. Profecias de Dom Bosco, o “Santo de Becchi” que, em seus sonhos, viajou por toda a América do Sul e cujas anotações proféticas referem-se principalmente ao planalto central brasileiro – “No dia 30 de agosto de 1883,

tive um sonho-visão. Eu enxergava nas vísceras das montanhas e nas profundas da planície. Tinha, sob os olhos, as riquezas incomparáveis dessas regiões, as quais, um dia, serão descobertas. Eu via numerosos minérios de metais preciosos, jazidas inesgotáveis de carvão de pedra, de depósitos de petróleo tão abundantes como jamais se acharam noutros lugares. Mas isso não era tudo. Entre os paralelos 15° e 20° existia um seio de terra bastante largo e longo, que partia de um ponto onde se formava um lago (Paranoá). Então uma voz me disse repetidamente: - Quando escavarem as minas escondidas no meio desses montes, aparecerá aqui a Grande Civilização, a Terra da Promissão, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível e essas coisas acontecerão na terceira geração” (tradução de Monteiro Lobato).⁽³⁾

“O Senhor nos colocou no mundo para servir os outros” (Dom Bosco)

III. Propaladas profecias do Papa São João XXIII, cujo lema pontifical foi “Obediência e Paz” – livro de autoria de Pier Carpi. Sobre os graves momentos do “final dos tempos”, disse João XXIII que “se espere o sinal de João” (Evangelista) e que a “luz vem do ocidente” (Brasil)

Tempos futuros em que fluirão riquezas espirituais sob a égide de Cristo; barreiras serão abatidas; os vínculos da caridade e da compreensão mútua corroborados; injúrias serão integralmente perdoadas.

IV. Antigas profecias budistas afirmam que a partir de 1921, o “dragão virou a cauda do ocidente para o oriente” ou seja o milenar ciclo espiritual do oriente declinava enquanto ascendia o mesmo poder no ocidente. O 13° Dalai Lama previu em 1921,⁽⁴⁾ em seu testamento, o holocausto de seu País - Rod-Yul (Tibete) - invadido em 1959 pelas hordas comunistas de Mao-Tse-Tung e desde então ocupado/incorporado pela China imperialista. Escreveu ele:

“No ano do Cão da Terra (1959), a religião e a administração secular do Tibete serão atacadas pela Fênix Vermelha (China). O 14° Dalai Lama e o Panchen Lama, os guardiões da fé serão vencidos pelos invasores. As terras e as propriedades dos mosteiros lamaístas serão distribuídas. Os nobres e as altas personalidades do Estado terão as suas terras e os seus bens confiscados e serão obrigados a servir às forças invasoras. Contudo, a Grande Luz Espiritual, que, há séculos, brilha sobre o Tibete, não se apagará; ela aumentará, difundir-se-á e resplandecerá na América do Sul, principalmente na terra de O Fung Sang (Brasil), onde será iniciado um novo ciclo de progresso e onde surgirá a sétima raça dourada”.

Profecia de Padma Sambhara, mestre e missionário indiano do século VIII, que levou o budismo para o Tibete: “Quando o pássaro de ferro voar e os cavalos correrem sobre rodas, os tibetanos serão espalhados como formigas através do mundo e o Dharma (Lei Divina) chegará à terra do homem vermelho” (América/Brasil – terra de indígenas).

V. Cartas proféticas de São Francisco de Paula (27/03/1416-02/04/1507), o qual previu para o Reino Português a descoberta de novas terras com enormes riquezas. Segundo S. Francisco de Paula, uma “santa geração”, uma “raça eleita” urgida de uma terra virgem (Brasil) será maravilhosa sobre a Terra”.

VI. Autores espíritas, através de textos psicográficos, igualmente tratam o assunto, dentre eles Emmanuel/ Humberto de Campos (“Brasil, Pátria do Evangelho, Coração do mundo” Ed. FEB), em que segundo o autor, Cristo transplantara a árvore do Evangelho para o Brasil⁽⁵⁾ e Ramatis (“Brasil, Terra de Promissão” Ed. Freitas Bastos)⁽⁶⁾ os quais atribuem ao nosso País uma missão planetária superior.

VII. O célebre pensador e escritor indiano Rabindranath Tagore (1861-1941), Prêmio Nobel da Literatura de 1913, viajou por dezenas de países em vários continentes, proferindo palestras, dentre elas uma viagem à América do Sul em 1924. Na ocasião, em uma entrevista ao jornalista chileno Alaro Hinogono, afirmou ser a América do Sul – e em especial o Brasil – o local onde se manifestaria o Homem Superior, encarnando a ideia da Unidade Universal; seria ele um semeador, um instrutor, o manifestador da luz da verdade. “Ele, o Homem Superior, virá como um verbo que é a palavra, a luz divina, trazendo uma nova aurora para o mundo, derramando sobre a humanidade regenerada e livre novas diretrizes de novos valores, baseados em conhecimentos transcendentais. Haverá um templo dedicado ao Pai Universal. Este Homem Superior e sua silhueta majestosa é do Supremo Instrutor do Mundo para o concerto universal.

O Brasil será transformado numa prodigiosa força de vontade, berço de sabedoria e amor à humanidade, a capital espiritual do mundo, por ser o centro espiritual ligado com outros mundos. Pois é no Brasil que se dará o evento de onde terá origem a luz sublime da Verdade com a nova obra, que o Homem Superior oferecerá aos homens” (<https://nalub7wordpress.com/profeciadoindianorabindranathtegoresobrebrasil>) acesso em 20/03/2019).

VIII. “O sol da nova civilização do 3º Milênio despontará nos anos 2000 e acrescento que ele certamente nascerá no Brasil” (Pietro Ubaldi, filósofo italiano (1886-1972) obra “Profecias”).

IX. Profecia de Maha Chohan (El Morya Khan), mestre ascensionado e um dos guias espirituais da Grande Fraternidade Branca (Teosofia): “Os peregrinos que buscam o caminho e a iluminação espiritual serão doravante conduzidos para a América do Sul, como foram anteriormente para o Oriente” (profecia datada de 1957).

“O Brasil é um braseiro de chama violeta” (Saint Germain, mestre ascensionado da Grande Fraternidade Branca (Obra “Profecias de Saint-Germain para o novo milênio” – RJ, Ed. Record, 2000).

X. “O Brasil está determinado nos anais do tempo para se tornar a capital espiritual do mundo, a capital da luz, da consciência, da gratidão e da justiça. Estamos nos preparando para isso, aprendendo tudo sobre a injustiça para conhecer também sobre a justiça. Aprendendo tudo sobre a falta para compreender tudo sobre a abundância. Aprendendo tudo sobre a ingratidão para ensinar num futuro tudo sobre os poderes extraordinários da gratidão” (Carlos Torres – “A Era de Ouro da Humanidade”).

NOTAS

(1) *O Quinto Império é, no entendimento de Pe. Vieira, uma marca, uma figuração da divindade na condução e governo do mundo.* ...um vasto horizonte ao qual a visão profética, o comentário exegético, a razão teológica, o conhecimento histórico-geográfico, a análise psicológica, o discurso político – e, por último, mas não menos importante – o senso comum patriótico-religioso intentam fixar um lugar e um tempo de eclosão mundana” (Alessandro Manduco – “História e Quinto Império em Antonio Vieira” Rev. Topoi, v. 6, n. 11, julho-dezembro 2005, p. 251).

Um Estado hierarquizado, constituído a partir do modelo monárquico de poder, capaz de realizar a missão providencial e ontológica de administração do reino ou império de Cristo. A esse império, sob a égide e guia de Portugal, se integrariam todas as “gentes” (diferentes grupos étnico-religiosos, na concepção de Vieira) Interpretes deduzem que a implantação do 5º Império envolve, compatibiliza e contabiliza todo o mundo lusitano e dessa forma transplantado para o Brasil. O futuro em aberto, em reinvenção e reconstrução, mediante organização e ordenação das relações políticas, sociais, religiosas da época. Algo visionário, utópico, quase escatológico.

No contexto de Vieira, Igreja e Estado se manifestarão numa única instituição, qual seja a pessoa mística do rei – o “Encoberto”, na acepção de Bandarra – uma categoria de monarca ou cabeça do Reino, cuja natureza real e investidura, unidas por Deus, jamais serão alteradas.

Um Estado forte, providencial, manifesto, confluyente teológica, retórica e politicamente e em que todos os interesses individuais se subordinarão a algo maior, transcendente: o interesse coletivo, o bem comum. Uma experiência universal, única, mística, sob a eleição e assistência direta divina, cujo sujeito é a comunidade humana em sua integralidade, no qual a unificação do mundo, a restauração e exaltação do Reino se processam por um domínio hegemônico político-religioso em si sustentável, inalienável, exegético. A plenificação da história, a expansão universal da fé e da realeza pontifícia do Redentor – o futuro em aberto.

(2) *Quadra 70 – “Vem de mui alta a semente / de todos quatro costados / todos reis, de primos grados / do levante até o poente”*

Quadra 71 – “Serão os reis concorrentes / quatro serão e não mais / todos quatro principais / do levante ao poente”

Quadra 72 – “Os outros reis mui contentes / de o verem imperador / e havido por Senhor / não por dádivas ou presentes”
 (“Profecias e Trovas de Gonçalo Annes de Bandarra, sapateiro de Trancoso” Lisboa, Livr. Universal, 2ª ed, 1942)

(3) *O extraordinário São João Bosco, filho de humildes camponeses, nasceu em Becchi, na Itália em 1815 e morreu em Turim em 1888. Ordenado sacerdote em 1841, dedicou sua existência à sorte e à formação profissional dos jovens pobres, fundando, para tal, em 1851 a Congregação dos Padres de São Francisco de Sales (Salesianos) e em 1862 a das Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas). Padreiro dos operários aprendizes e reverenciado como o apóstolo da juventude. Canonizado em 1934 e homenageado pela Igreja a 31 de janeiro. Canonizado em 1934 pelo Papa Pio XI (Fonte: Jorge Campos Tavares – “Dicionário de Santos”, Porto, Lello & Irmão Edit, 1990)*

(4) *Thubten Gatso, o 13º Dalai Lama, nasceu aos 12/02/1876 e faleceu em Lhasa, capital do Tibete, aos 17/12/1933. O 14º Dalai Lama, Tenzin Gyatso (1935-....) fugiu em 1959 quando da invasão de seu País pelas forças comunistas chinesas, residindo hoje, exilado, como tantos outros milhares de tibetanos, na cidade de Dharamsala, no Estado de Himachal Pradesh, Índia, onde estabeleceu a administração central tibetana. É uma figura de notória atuação e reconhecimento mundial.*

(5) *“Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho – o da piedade e do amor. O Brasil será a fonte de um pensamento novo. Aqui, sob a luz da misericórdia, ficará localizado o coração do mundo” (Humberto de Campos/Chico Xavier – “Brasil, Pátria do Evangelho e Coração do Mundo” Ed. Feb).*

(6) *“Daqui desta terra, deste imenso Brasil, partirão os fundamentos do mundo do amanhã. Aqui Jesus pousou seus doces olhares e aqui fixou sua residência astral. Será daqui, de sobre esta nação pacifista e amiga de todas as outras, que Jesus emitirá suas vibrações. É daqui que partirão as emanações de Seu enraçado amor aos homens. É daqui que, como de um grande coração ardente, partirá a chama de amor para a humanidade, que ressurgirá das cinzas que está para vir” (Ramatis).*

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

O (também) padroeiro do Brasil

18 de outubro



São Pedro de Alcântara, cujo nome de batismo era Juan de Garabito Y Vilela de Sanabria, foi um frade franciscano – de família nobre espanhola – que realizou grandes reformas na Ordem dos Capuchinhos. Nascido no ano de 1499 (sendo imprecisos o dia e o mês de nascimento) em Alcântara, Espanha, tendo viajado para Portugal em 1539, estabelecendo-se em Palhais. Viajaria por praticamente toda a Europa, a serviço da Ordem Franciscana. Faleceu aos 18-10-1562 em Arenas de San Pedro, Espanha.

Estudou na Universidade de Salamanca, onde seu pai desejava vê-lo graduado em Direito. Optando pela vida religiosa (1517) e ordenando-se em 1524, tornar-se-ia um modelo de perfeição monástica, ocupando os mais altos cargos administrativos, incluindo o de provincial da Ordem. Homem de mortificações, orações, penitências e jejuns severos, o hábito surrado, notável pregador e incansável viajante, tendo visitado todos os conventos sob sua jurisdição em diversos países europeus, tornar-se-ia, dessa forma, conhecido em toda a Europa. Uma vida ministerial impecável: visitava os doentes, procedia a confissões e prédicas, orientava, convertia, salvava almas. Amigo de muitos santos, foi conselheiro do Imperador Carlos V e do Rei português D. João III; foi o diretor espiritual de Santa Teresa de Ávila, a quem ajudou na reforma da Ordem das Carmelitas, tendo esta atestado quando da morte do santo: “Pedro viveu e morreu como um santo e por sua intercessão, conseguiu muitas graças de Deus”. Um dos maiores e mais extraordinários místicos que se conhece, levando a austeridade até o grau sobre-humano. É de sua autoria o livro “Tratado da Oração e Meditação” que, diz-se, era lido assiduamente por São Francisco de Sales, pelo Papa Gregório XV e muitos outros religiosos até os dias de hoje.

Declarado padroeiro do Brasil em 31-05-1826 pelo Papa Leão XII. Beatificado em Roma pelo Papa Gregório XV aos 18-04-1622 e canonizado pelo Papa Clemente IX aos 28-04-1669. Sua festa litúrgica é celebrada em 18 de outubro, data de seu falecimento. Santo padroeiro da Adoração do Santíssimo Sacramento Noturna e venerado em várias partes do mundo, inclusive em vários países da Ásia. No Brasil, várias paróquias têm-no como padroeiro.

São vários os seus biógrafos, dentre eles: Pe. João de Santa Maria (1619), Pe. Martinho de São José (1644), Pe. Alban Butler, Frei Estefânio Piat, Autobiografia de Santa Teresa de Ávila

DONS SOBRENATURAIS DE SÃO PEDRO DE ALCANTARA - Era dotado de múltiplos dons como os de clarividência, psicopirofonia ou incombustibilidade (imune ao fogo)⁽¹⁾, psicofotismo (envolto por luzes e auréolas de origem sobrenatural)⁽²⁾ precognição, desdobramento etc⁽³⁾. Era frequentemente visto em levitação por religiosos e fiéis, até mesmo durante as missas e ofícios litúrgicos. Em suas muitas e incessantes viagens – visitas a conventos ou atendendo os fiéis – atravessava rios caudalosos como se pisasse em terra firme, locais que, pela fúria da correnteza, sequer se podia atravessar de barco ou vadear o rio. Foi visto, dessa forma e por centenas de testemunhas, atravessando rios impetuosos, dentre eles o Tejo, o Douro, o Alajón, o Marete em estado de êxtase, em intensa contemplação como se transportado por mãos de anjos. Entidades espirituais eram vistas frequentemente em sua companhia.

Um de seus biógrafos, Frei Estefânio Piat OFM relata as travessias de São Pedro de Alcântara, uma delas aos 16 anos, pelo processo de levitação. Em viagem para o convento de Mangares, divisas montanhosas entre Castela e Portugal, tinha ele que atravessar o rio Titar

“de águas grandes, engrossadas por uma tormenta, precipitava-se impetuosamente. Era evidente que o rio estava intransitável. O homem que guiava os viandantes de uma margem a outra, não se encontrava no lugar. Pedro deveria esperar na margem de cá, enquanto provavelmente os familiares lhe viriam ao encalço. Chama a Deus em auxílio imediato. Um vento rápido o envolve e o transporta à outra margem. Esse o primeiro exemplo de milagre que se repetirá muitas vezes em sua vida” (In “São Pedro de Alcântara” Petrópolis, Ed. Vozes, 1962, pp. 16-17).

Segundo Frei Piat, foram tantas as pessoas que testemunharam o venerável frade espanhol “passar a pé enxuto o Guardiania, o Tejo, o Douro que o caso se tornou até anedótico. Os balseiros costumavam dizer aos clientes apressados: Por que não passa sem canoa como Frei Pedro de Alcântara?” (op. cit. pp. 64-65).

Segundo testemunho de Santa Teresa de Ávila, São Pedro planava “em oração até o cume da capela”, ali permanecendo “durante horas inteiras, às vezes por dias inteiros, elevado acima do solo”. Ainda segundo Santa Teresa, quando da morte do santo, ela o viu subir aos céus em incomparável esplendor” e mais: após a sua morte, São Pedro apareceu-lhe diversas vezes, orientando-a (“tenho-o visto muitas vezes com grandíssima glória; parece-me que muito mais me consola do que quando aqui estava”) (Fonte: *Autobiografia de Santa Teresa de Ávila*).

Assediado a miúdo por forças malignas, que o perseguiram com escárnios e até violência física, tendo, certa feita, sido rudemente apedrejado em sua cela; a tudo suportava com paciência e bondade, dizendo: “Sofro com prazer as violências por amor do bom Jesus” (Frei Piat, p. 20) Outro de seus dons era o de transporte. Sendo guardião do Convento de Nossa Senhora dos Anjos de Robledillo (convento em que, certa vez, segundo a tradição, São Francisco de Assis hospedara, em sua viagem a Compostela); era dezembro, tempo de neve, os caminhos obstruídos, não havendo alimentos no convento. “Entoam os frades, com o ventre seco, o ofício da vigília. Um serão paternal de Frei Pedro reanima-lhes a coragem. Que alegria devem sentir ao comungar fisicamente da miséria de Belém! Eis que, depois das matinas, enquanto Frei Pedro canta a Missa do Galo, batem à porta. Um irmão se apressa, pensando ser algum viajante em perigo. Não encontra pessoa alguma. Sobre a brancura da neve não há pegadas. Mas ali estão duas cestas de mantimentos para alegria da recreação natalina” (op. cit. p. 20).

NOTAS

(1) Frei Estefânio Piat OFM narra a desassombrada ação de São Pedro quando de um incêndio “o fogo que investia contra o convento cede imediatamente à sua ordem. Agarra com as mãos as traves em brasa e salva da destruição a capela de Nossa Senhora do Rosário de onde já se pensava em retirar o Santíssimo Sacramento”

(2) As pessoas se intrigavam por causa do “halo de luz que lhe aureola a frente” “a frente sempre resplandecente de luz como que trazia um reflexo do céu” (Piat pp. 39-40)

(3) Vários são os relatos sobre os múltiplos e miraculosos dons de São Pedro de Alcântara, dentre eles o da precognição, profecia, cura, ubiquidade. Sugerimos a leitura, a esse respeito, do já mencionado livro de Frei Estefânio Piat, em especial as pp. 44, 46, 65, 80, 99.